

FEBRA PSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[71]

Recife
sedia 31º
Congresso
Brasileiro de
Psicanálise
com o tema
"O Futuro
da Nossa
Ilusão"

A psicanálise
se expande
na África

Clínica,
cultura e
comunidade:
a psicanálise
para além do
consultório





Retornar à presidência da FEBRAPSI, após alguns anos, tem sido para mim uma experiência marcada por duas dimensões: a responsabilidade administrativa e política e o reencontro com a vitalidade da cultura psicanalítica brasileira em suas múltiplas expressões.

Nestes primeiros meses de trabalho, pude perceber mais uma vez a riqueza e a complexidade da nossa federação, construída coletivamente ao longo do tempo. A FEBRAPSI cresceu, tornou-se mais diversa, ampla e articulada. Hoje, além das federadas, tem diversas comissões, grupos de trabalho, publicações e abriga iniciativas como o SOS Brasil e o COWAP Brasil.

Esses movimentos refletem a expansão da psicanálise na sociedade contemporânea e ampliam os campos de interlocução da federação. As comissões dedicadas à infância e adolescência, casal e família, clínicas sociais, o Observatório Psicanalítico e, mais recentemente, a Comissão de Psicanálise, Clima e Vida, demonstram uma instituição atenta às transformações do nosso tempo e comprometida em pensar seus efeitos subjetivos, sociais e culturais.

A cultura psicanalítica não se restringe à transmissão de conceitos ou ao ensino formal da teoria. Ela também se expressa na capacidade de promover e manter espaços de pensamento diante de um mundo marcado pela aceleração, intolerância às diferenças, fragilidade dos vínculos e pela crescente dificuldade de simbolização. É nesse movimento de abertura ao pensamento complexo, à escuta do sofrimento humano e à possibilidade de transformar a experiência emocional em algo compartilhável que a psicanálise mantém sua relevância.

Ao mesmo tempo, seguimos comprometidos com a transmissão da psicanálise em sua profundidade clínica e ética. Em uma época marcada por soluções rápidas, respostas prontas e discursos cada vez mais simplificados, a psicanálise continua apostando na singularidade, no valor da experiência emocional e na construção de sentido por meio da relação humana.

Esse espírito de coletividade esteve presente na reunião realizada em Recife, em 21 de março, com os diretores científicos das federadas e a presidente da ABC. Em um ambiente de cooperação e troca de ideias, definimos o tema do Congresso Brasileiro de Psicanálise de 2027: "O Futuro da nossa ilusão".

A partir desse encontro iniciaram-se as articulações para o congresso, que acontecerá no Recife. As federadas já organizam eventos preparatórios, previstos para começar no segundo semestre deste ano. Mais do que um encontro científico, o congresso será uma oportunidade de reunir diferentes gerações de analistas, candidatos e instituições em torno da produção de pensamento, do intercâmbio clínico e do fortalecimento dos laços federativos.

Além disso, 2027 será especialmente significativo para a FEBRAPSI, quando celebraremos seus 60 anos de existência. São seis décadas de história construída por gerações de colegas que mantiveram o compromisso com a formação psicanalítica, a ética e o desenvolvimento institucional.

Recebo novamente esta tarefa com gratidão, entusiasmo e consciência de que o trabalho institucional só faz sentido quando realizado coletivamente. Tenho a sorte de contar com uma diretoria comprometida com o trabalho, federadas participativas e colegas implicados na construção de uma psicanálise viva, contemporânea e conectada aos desafios do nosso tempo. Que possamos continuar fortalecendo a cultura psicanalítica, expandindo-a para a sociedade e para a compreensão da complexidade humana.



Gleda Brandão Araújo

Presidente da FEBRAPSI

Psicanalista didata da Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS) e membro efetivo da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)



Freud costumava escolher textos seus para que fossem primeiramente apresentados por ele nos encontros, conferências e congressos à comunidade psicanalítica da época. Mas, em torno de 1927, aos 71 anos, fazia necessária manutenção em seu tempo e saúde, reduzindo aparições públicas e dedicando-se a aprofundar e enriquecer suas ideias.

Assim foi com *O Futuro de Uma Ilusão*, lançado em formato de livro ao final de 1927, parte então desta "transição de Freud", em que nosso pioneiro passava a deixar seus textos para que fossem trabalhados pelos próximos que viessem, em grupos e discussões. Passado um século, é o que ocorrerá, no próximo ano, no Congresso da FEBRAPSI, a ser realizado em Recife. Para esta tarefa, convida-nos nossa Presidente, Gleda B. Araújo, em uma síntese deste momento: o calor que nos atravessa, não somente para o congresso, como para este novo biênio da FEBRAPSI.

Rosa Reis, Diretora do Conselho Científico, desafia-nos para o mesmo e fortalece o convite, apresentando-nos a bela e significativa identidade visual criada para a ocasião. Maria Arleide da Silva nos conta um pouco mais da riquíssima cultura de Pernambuco: sua música, poesia, arte (como na ilustração da capa desta edição), e vasta criatividade – representantes, em sua essência, do ser brasileiro.

Beth Mori reitera o eminente território da política em seu arraigado e incontornável encontro com a psicanálise; Luciana Saddi, diretora de Comunidade e Cultura, aborda as novas formas clínicas; enquanto Berta H. Azevedo, editora da *Revista Brasileira de Psicanálise*, nos fala sobre "Sotaques", título de sua coluna, aludindo à vasta e profunda diversidade cultural e científica de nosso país.

Conceição Tavares de Almeida, presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, estende este sotaque para a terra lusófona de nossa história: Portugal, e outros países ultramar que falam nossa língua. Contamos ainda com a colaboração de Daniel Delouya e Sergio Nick, representantes da América Latina no *board* da IPA, e das dirigentes da Associação Brasileira de Candidatos (ABC).



Cláudia Antonelli

Diretora do Departamento de Publicações e Divulgação da FEBRAPSI

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp)

Marli Claudete Braga nos relata o percurso da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Curitiba, reconhecida como componente da IPA em 2025, enquanto o texto da Comissão de Psicanálise, Clima e Vida aponta fatos preocupantes relacionados às mudanças climáticas. Por fim, temos a contribuição de nossa editora, Helena Pontual, com uma concisa biografia e léxico conceitual de nosso imprescindível Donald W. Winnicott.

Neste clima de encontros, descobertas e expansões, fundamos neste *FEBRAPSI Notícias* a coluna Literatura e Psicanálise, um lugar de textos criativos e literários, e o fazemos com um texto de nosso colega Avelino Neto.

Uma boa leitura a todos!

Recife/Pernambuco

*Na bruma leve das paixões que vêm de dentro
Tu vens chegando pra brincar no meu quintal
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento
E o sol quarando nossas roupas no varal ...*

Alceu Valença – Anunciação



Maria Arleide da Silva

Analista Didata e Diretora do Instituto da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE)

Diretora do Conselho Profissional da FEBRAPSI - Biênio 2026-2027

Pernambuco, a “terra dos altos coqueiros”, em outubro de 2027 terá a sua capital-Recife, sediando o XXXI Congresso Brasileiro de Psicanálise, intitulado “**O Futuro da Nossa Ilusão**”, como tema central.

Pernambuco, estado da Região Nordeste/Brasil, muito conhecido pela “Nova Jerusalém”, onde há 57 anos se encena a *Paixão de Cristo* no maior teatro ao ar livre do mundo, na cidade de Brejo da Madre de Deus. Sua exuberância cultural se estende do sertão, onde temos a tradicional “Missa do Vaqueiro”, nos lembrando um dos seus filhos ilustres, Luiz Gonzaga, com sua sanfona e seus ritmos apaixonantes: xote, xaxado, forró e o baião, ritmo do qual é considerado rei.

A beleza natural do estado estende-se por 187 Km de área litorânea, com águas quentes, azuis e esverdeadas, são quilômetros de brumas que parecem rendas tecidas e espalhadas sobre a areia branca, ao longo de belíssimas praias.

Recife tem beleza e magia, além das praias, também manguezais, rios e pontes, uma geografia que lhe conferiu o título de Veneza Brasileira. As pontes são muitas, ligam as ilhas à cidade, a Maurício de Nassau, primeira ponte de grande porte da América Latina; mas temos também a giratória, a do Limoeiro, a 6 de março, mais conhecida como Ponte Velha, entre muitas outras.

*Hey, vem cá que eu quero te mostrar
Hey, a minha cidade, o meu lugar
Hey, Recife tem um coração
Hey, tem muito calor, muita emoção*

Reginaldo Rossi- Recife Minha Cidade

Recife encantado e cantado em músicas, versos e prosas de filhos da terra: Antônio Maria, Carlos Pena Filho, Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, Capiba e tantos outros igualmente profundos, sensíveis, grandiosos em sua arte, tornaram-se cidadãos do mundo.

Conhecida também como a Capital do Frevo, Recife guarda em sua história o batuque do maracatu, um símbolo da tradição ancestral negra. Era o baque solto do

Maracatu Rural, princípio do século XX, que anunciava ao povo então escravizado a chegada da polícia durante as suas celebrações culturais-religiosas que eram então proibidas. Assim, as manifestações foram preservadas e, com extraordinária resistência, hoje são tradição. O Maracatu, seja o do baque virado ou o solto, de batuque produzido pelo som de chocalhos, alfaias, gongué e outros instrumentos, de cadência contagiante, única, encantadora e ainda pode-se seguir o cortejo – baianas, a calunga, rei e rainha, com seus trajes belos e brilhantes, só vindo para viver a emoção – é indescritível!

E os caboclos de lança? Ao som dos chocalhos, eles entram na festa, vibrantes, coloridos, vêm da zona rural, de cidades outras, trabalham o ano inteiro para produzir suas vestimentas deslumbrantes, mas não se apresentam antes de serem abençoados e irem ao pé da jurema. A jurema, a calunga (boneca de pano), chocalhos, encontramos no Mercado de São José, no Recife, mas em Pernambuco existe também a opção de conhecer a maior feira ao ar livre do mundo, na terra do Mestre Vitalino, com um rico artesanato.

*A Feira de Caruaru
Faz gosto a gente ver
De tudo que há no mundo
Nela tem pra vender*

Luiz Gonzaga- A Feira de Caruaru
Composição Onildo Almeida

No caminho até lá, passando por Gravatá, chamada de “alpes pernambucano”, a cidade de Bezerros tem mais cultura, o Museu do Papangu, a literatura de Cordel e as xilogravuras de J. Borges, no Memorial que recebe o seu nome. E sim, foi ele mesmo que a pedido do Dr. José Lins de Almeida (um dos fundadores da Sociedade Psicanalítica do Recife) criou a tão famosa Xilogravura do Psicanalista, uma entre as inúmeras e belas obras de J. Borges.

No “Território entre o gesto e a palavra”, são muitos e ricos os sons transbordantes de alegria, pesar e muita história da cultura pernambucana. Bandas de pifanos, Bacamarteiros, Bastião do Boi Bumbá, Blocos

Líricos como o das Flores e da Saudade, Manguebeat, a Ciranda de Lia de Itamaracá, o Galo da Madrugada e muito mais.

*Sou Macambira de Joaquim Cardoso
Banda de Pife no meio do Carnaval
Na noite dos tambores silenciosos
Sou a calunga revelando o carnaval
Sou a folia que desce lá de Olinda
O homem da meia noite puxando esse
cordão
Sou jangadeiro na festa de Jaboatão*

Lenine – Leão do Norte

Ahh!! Muitos bordados, artesanato, cerâmicas em barro, polo de confecção. Além do famoso bolo de rolo, as comidas regionais de excelente sabor e qualidade, o bairro onde acontecerá o Congresso é o antigo cais da Cidade, um lugar deslumbrante, e de lá até o Marco Zero - Recife antigo, pode-se até fazer a travessia de barco! E temos muito, muito mais!

Esperamos encontrar você aqui no grande encontro que será o Congresso em 2027, tu vens?

*A voz do anjo sussurrou no meu ouvido
Eu não duvido, já escuto os teus sinais
Que tu virias numa manhã de domingo
Eu te anuncio nos sinos das catedrais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais*

Alceu Valença – Anunciação

*In: CARDOZO, Joaquim. Poesias completas. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p.207-208. Poema integrante da série Mundos Paralelos

REFERÊNCIAS

Diário de Pernambuco, Vida Urbana Recife, 12/04/2026.
<https://www.cultura.pe.gov.br/pagina/cultura-popular-e-artesanato/cultura-popular>
<https://circuitodapoesia.recife.pe.gov.br/>



31º
CONGRESSO 20 a 23 outubro 2027
BRASILEIRO DE Recife • Expo Center
PSICANÁLISE www.febrapsi.org

O FUTURO DA NOSSA ILUSÃO

FEBRA  **PSI**
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE



Sociedade
Psicanalítica
do Recife

Liziane L. Cruz
Cytrus Design

31º Congresso Brasileiro de Psicanálise: O Futuro da Nossa Ilusão

Recife, 2027. Uma cidade que dança, resiste e se reinventa será o palco do 31º Congresso Brasileiro de Psicanálise, promovido pela Federação Brasileira de Psicanálise. O tema “O Futuro da Nossa Ilusão” nasce de uma comemoração significativa, pois, em 2027, *O Futuro de uma Ilusão* completa 100 anos. Essa escolha não é apenas comemorativa. Ao dizer “nossa” ilusão, nos incluímos intencionalmente, como analistas e como sujeitos da cultura. Interrogar a ilusão é interrogar aquilo que sustenta o desejo, os vínculos e a esperança, mas também perceber quando ela se converte em defesa ou impasse na clínica.

Vivemos um tempo de transformações profundas, tanto tecnológicas como sociais e subjetivas, e suas consequências tem chegado ao nosso consultório. A subjetividade contemporânea se reconfigura de formas que desafiam nossa clínica. O sujeito que nos procura hoje carrega marcas de um mundo acelerado, fragmentado, saturado de imagens e esvaziado de sentido. Novas formas de sofrimento necessitam de novas formas de escuta. Entretanto, não podemos perder de vista o que é o cerne da psicanálise e continuamos apostando, incondicionalmente, no sujeito e na singularidade de sua experiência.



Rosa Reis

Diretora do Conselho Científico da FEBRAPSI
Membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)

Diante disso, a psicanálise não pode permanecer inalterada, mas tampouco pode perder o que lhe é essencial. Nossa tarefa, ao longo desses dois anos de construção científica e coletiva, é criar as condições para que este congresso seja um espaço genuíno de reflexão e reinvenção, onde a psicanálise se interogue. Um espaço onde teoria e clínica se alimentem mutuamente.

O cartaz do congresso traduz isso lindamente. Inspirado no frevo pernambucano, uma pessoa com uma sombrinha vibrante rompe o fluxo em meio a uma multidão apática, em tons frios e indefinidos. Esta imagem simboliza o sujeito que ainda deseja, que ainda se diferencia, que ainda acredita na possibilidade de transformação. A sombrinha carrega em sua história uma narrativa de resistência e reinvenção, fala diretamente da vocação da psicanálise de acolher o que dói e devolver ao sujeito sua capacidade de criar. É dessa aposta que a psicanálise renova a cada encontro clínico a sua razão de existir, e é por ela que seguimos.

Convidamos cada colega a trazer sua clínica, seu pensamento e sua experiência para este congresso. E que este encontro tenha sabor de reencontro, reunindo colegas de todo o Brasil em torno das ideias que nos movem e do que nos lembra porque escolhemos um ofício tão singular. Há algo de extrema importância no encontro presencial, no cafezinho compartilhado nos intervalos, nas conversas dos corredores.

Recife, com sua alma vibrante e sua energia única, será o lugar em que toda esta experiência fará sentido.

EVENTOS PREPARATÓRIOS PARA O 31º CONGRESSO DA FEBRAPSI

ANO	MÊS	DIA	FEDERADA
2026	Agosto	15	SBPG
		21 e 22	SPPA / SBPdePA
	Setembro	17, 18 e 19	SPFOR
	Outubro	17	GEP-SC
	Novembro	6	SPRPE
20 e 21		NPMaceió	
2027	Fevereiro	27	GEPMarília
	Março	5 e 6	GPUberaba
		20	SBPCamp
	Abril	3	SBPMG
		10	GEPRio Preto
	Maio	22	SBPSP
	Junho	5	SPRJ / SBPRJ
		25	SBPCuritiba
	Agosto	12,13 e 14	SPMS
		20	SPPel
Setembro	10	SBPRP	
	25	SPBsb	

Sotaques

“O senhor... mire e veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas”

João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*

É tempo de acolher a nova diretoria da FEBRAPSI e, com ela, reapresentar o caminho que vimos traçando à frente da *Revista Brasileira de Psicanálise*. Um ano depois de assumirmos a editoria, o percurso ganha contornos mais nítidos.

“Sotaques: a psicanálise como conhecimento situado” foi o nome que demos a esse gesto. Ele engaja-se em sustentar uma escuta afinada às tensões do presente e às zonas ainda pouco elaboradas da experiência clínica. Porque também a psicanálise, como as pessoas de Rosa, “ainda não foi terminada”: faz-se e refaz-se incessantemente, atravessada pelo tempo, pelos encontros e pelos mundos que a convocam a mudar.

Partimos da concepção de que a psicanálise não se oferece como saber pronto. É o compromisso com esse labor inacabado que o projeto editorial tenta honrar. Enraizada em distintos contextos, ela adquire inflexões próprias sem perder o vínculo com aquilo que a constitui. Cada território imprime sua cadência, cada experiência faz a clínica desviar seu curso, abrindo veredas inesperadas no modo de escutar.

A RBP reúne produções de diferentes regiões do país, espelha o Brasil e o coloca em cena, com seus contrastes, fraturas e descontinuidades. A prática analítica acontece orientada por coordenadas técnicas encarnadas: cada analista comparece com as marcas de seu sertão, de seu tempo, de seu território e das questões que o atravessam.

Se tempo, lugar e contexto não são acessórios, então as diferenças (étnico-raciais, regionais, de classe, de gênero) deixam de ocupar uma posição periférica para se tornarem forças ativas na produção de conhecimento. E é justamente aí que a psicanálise brasileira encontra parte de sua potência: ela é grande porque é múltipla; porque não fala em uníssono.

Nesse ponto, a interlocução com a noção de conhecimento situado, formulada por Donna Haraway, permanece decisiva. Ao recusar a ilusão de uma objetividade radical, a autora nos convoca a um saber corporificado, parcial e, por isso mesmo, aberto. Reconhecer que toda elaboração se inscreve

em condições específicas não empobrece a psicanálise; ao contrário, amplia seu alcance crítico e inventivo, permitindo que ela siga viva e permeável à vastidão e transformações do mundo.

A clínica é, nesse horizonte, o espaço privilegiado onde diferentes universos subjetivos e culturais se encontram e se desencontram, produzindo configurações singulares e desafios específicos. Dela extraímos inquietações e movimentos de teorização que buscam acompanhá-las, farol para a escolha temática de nossos números.

Ao longo deste período, publicamos:

- *Desilusões na clínica psicanalítica*
- *Psicanálise em chamadas*
- *Dispositivos da clínica*
- *Trans (forma) ações*
- *Atados pelo ódio*

Estão em preparação os números:

- *O que herdaste...*
- *Abismo geracional*
- *Tempo da delicadeza*

Todos eles testemunham esse esforço de tomar a clínica contemporânea como campo vivo de interrogação e fazer dela fonte pulsante de pensamento, sobretudo onde ela resiste à captura. Afinal, *viver (...) é muito perigoso*.

Seguimos rastreando perguntas que emergem da prática, sem a pretensão de



Operários

Tarsila do Amaral (1933) – óleo sobre tela
Disponível em: Cultura Genial



Berta Hoffmann Azevedo

Editora da *Revista Brasileira de Psicanálise*

Membro efetivo e docente da *Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)*

encerrá-las. Reafirmamos, assim, o compromisso com uma psicanálise que se deixa afetar e enriquecer pelos seus próprios “sotaques”.

“Sotaques”, além de metáfora, marca aqui uma posição. Reconhece que não existe enunciação neutra ou deslocalizada. Toda voz carrega suas marcas, sua travessia, seu chão, e é justamente isso que a torna capaz de entrar em relação com outras vozes.

É nesse espírito que mantemos algumas diretrizes que têm orientado a construção editorial de nossa publicação:

- *privilegiar temas que emergem da clínica contemporânea;*
- *fomentar produções ancoradas na investigação clínica e em suas derivações teóricas;*
- *sustentar uma psicanálise aberta a revisões e deslocamentos;*
- *acolher a diversidade de perspectivas e referenciais;*
- *estreitar o trabalho com editores regionais, valorizando produções locais, trajetórias e interlocutores.*

Entre as iniciativas, destacamos a seção Diálogos, inaugurada em nossa gestão, que aposta na leitura entre pares e no debate como forma de trabalho, fazendo do colega um autor e do texto um espaço de encontro entre diferenças.

A psicanálise avança como quem atravessa o sertão: sem mapa definitivo, guiada pela memória dos encontros e pelas veredas que apenas surgem para quem as percorre.

Seguimos, assim, investindo em uma revista plural, atravessada pela vitalidade da clínica e pela heterogeneidade dos mundos em que a psicanálise se faz: uma publicação que escuta e valoriza, em cada texto, o sotaque de onde ele fala.

África e a psicanálise: sonhando o futuro

Há dois assuntos que têm, em mim, um impacto estético arrebatador: a psicanálise e a África. A ideia de poder juntá-los e desempenhar um papel contributivo para o desenvolvimento e a expansão da sua interface tem um valor muito especial. A recente decisão da IPA de introduzir o português como língua oficial ampliou o alcance do conhecimento psicanalítico a novos públicos, nomeadamente às comunidades de língua portuguesa, grande parte delas no continente africano. Esta iniciativa adquire, assim, dimensões não apenas científicas e clínicas, mas também políticas, e a ideia de uma quinta região ganha um alento propulsor. Ao democratizar o acesso e avançar no seu desenvolvimento, garantir-se-ia o maior alcance possível das diretrizes e do conhecimento da psicanálise; valorizar-se-ia a diversidade cultural, dar-se-ia maior voz a outros contextos socioculturais no diálogo psicanalítico global e enriquecer-se-ia a massa crítica da IPA.

E, no entanto, este é um terreno de ampla complexidade e de particular sensibilidade, que acorda fantasmas, traumas e convoca a uma profunda reflexão. Como psicanalista, a etimologia e as narrativas mitológicas ou do fantástico são temas que me cativam. Numa pesquisa recente, observei que a origem da palavra “África” contém, em si, a complexidade e a multiplicidade de olhares e apropriações de sentido, que o tempo corrobora e a nossa culpa denuncia. As fronteiras que ligam, separam e redefinem uma geografia ou uma história falam de dor, ambição, injustiça, lutas e lutos. O psiquismo humano, largamente determinado pelo inconsciente, força motriz forjada nos confins do arcaico, encerra em si polaridades potencialmente capazes de se complementar: construir sobre destruição, inventar e sonhar, por sobre a angústia e o medo, realizar e progredir, num ímpeto de sobreviver ao esquecimento e à morte do sujeito. Nesse percurso, cada um é muitos; na diferença, nos ligamos; e, na semelhança, nos distinguimos.

Desejo

África nasce como lugar originário e objeto perdido. Nesse continente negro, como o medo e o desconhecido, projetamos partes primitivas de nós, que queremos ora dissociar, reprimir ou negar, ora descobrir, conquistar

ou reparar. Nesses movimentos telúricos, há uma certa síndrome de retorno ao original, que nos arrebatava e expõe, com um sentimento de nudez, de desamparo, de assombro. Perante o objeto primário, tanto são convocadas a inveja quanto a gula quanto a poética e a saudade. A vida começou na África; somos todos filhos dessa primeira mãe. Todos reclamamos sua posse, sua legitimidade, a extrativa do seu legado. E, contudo, África é habitada por tantos povos, foi ferida por tantas lanças, rasgada e cerzida segundo critérios artificialmente ditados, padeceu tantas violações e desmentidos. E, no entanto, permanece majestosa, misteriosa, generosa.

África é mãe e é mulher. Freud referiu-se ao feminino como o continente negro; para a psicanálise, a investigação sobre o feminino foi fortemente influenciada pelo paradigma patriarcal e colonialista e, desde então, vem sendo feito um longo caminho para a compreensão das subjetividades e da representatividade.

Também neste campo, o meu percurso psicanalítico testemunha o meu interesse e ligação por estes temas e compromissos; atualmente, na qualidade de overall chair do COWAP, nossa estratégia prevê trabalhar com as narrativas sobre o feminino, suas origens e destinos, condição e virtude, em relação aos demais. No âmbito do COWAP, ações transversais que reúnem falantes de português têm sido desenvolvidas, envolvendo participantes de países africanos cuja língua oficial é o português.

O português é a quarta língua materna mais falada no mundo, com cerca de 260 milhões de falantes, e é a mais falada no Hemisfério Sul. Naturalmente expressivo em Portugal e no Brasil, segundo a UNESCO, é a língua de origem europeia com maior potencial de crescimento como língua internacional na África Austral e na América do Sul. É a língua oficial de Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné Equatorial, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Também é falada em Macau, em Timor-Leste e em vários estados indianos, entre outros.



Conceição Tavares de Almeida

Presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise
Psicanalista de criança, adolescente e adulto, membro titular com funções didáticas

Os Congressos de Psicanálise da Língua Portuguesa (CPLP) lançaram um projeto que ocorre a cada dois anos, organizado conjuntamente pela SPP e pela FEBRAPS, e que envolve um número crescente de profissionais ligados à saúde mental em alguns desses países africanos, com o objetivo de garantir que as reuniões sejam realizadas em rotação entre os diferentes territórios. Dessas trocas entre psicanalistas portugueses e brasileiros, surgiu o impulso para incluir outros países que partilham a mesma língua e um passado comum, com foco em temas que a psicanálise aborda e que oferecem alívio e conhecimento. Desde então, os laços com os nossos colegas brasileiros também vêm se reforçando. Apesar da diferença populacional e da distância, a língua portuguesa transmite uma forte conexão emocional e um desejo mútuo de aprofundá-la, numa estranha familiaridade que evoca o conceito de “inquietante” de Freud.

Na história do colonialismo, Portugal foi uma das maiores potências mundiais. A cultura portuguesa foi moldada por e, por sua vez, moldou séculos dessas experiências. Apesar das tensões e dos crimes cometidos ao longo da história colonial, é impossível negar o forte vínculo entre esses povos africanos e os portugueses. Além disso, há um vínculo entre si próprios, comprovado por inúmeras manifestações sociais, culturais e políticas. É justo reconhecer que há uma dimensão identitária que transcende fronteiras geográficas, prevalece sobre os traumas coletivos e forja histórias que, ao longo do tempo, ainda nos unem.

A vasta diáspora portuguesa em todo o mundo fomentou uma rede global que promove uma atitude de acolhimento. Muitas comunidades portuguesas no estrangeiro mantêm laços estreitos com a sua terra natal e partilham avidamente a sua cultura e tradições com os outros. Este sentido de interconexão promove abertura entre os visitantes de Portugal, um destino turístico popular.

Alguns autores afirmam que a forma como os portugueses frequentemente se misturaram às populações locais, em contraste com outras potências coloniais que mantiveram hierarquias raciais estritas, levou a uma maior integração cultural e hibridização, particularmente em antigas colônias, onde os colonizadores portugueses tiveram relações com mulheres locais, criando comunidades culturalmente mistas em que tradições portuguesas e indígenas coexistiam e se influenciavam mutuamente.

A cozinha portuguesa é conhecida por sua diversidade, refletindo o impacto de várias culturas. A introdução de ingredientes e técnicas culinárias da África, da Ásia e da América do Sul resultou em práticas culinárias distintas. A língua portuguesa absorveu vocabulário e expressões das línguas locais em suas antigas colônias. Por exemplo, o Brasil incorporou muitas palavras indígenas e africanas à linguagem cotidiana. O patrimônio cultural das colônias é evidente na música, na poesia e na literatura, que refletem essas influências, evidenciando a fusão da cultura portuguesa com as narrativas locais. No entanto, esses eventos relacionados com a colonização também destacam os aspectos amargos da nossa história.

Culpa

Apesar da narrativa vigente, segundo a qual a abordagem de Portugal à colonização e à integração cultural difere significativamente da de outros países que impõem a sua cultura às sociedades colonizadas, frequentemente por meio de trocas culturais que resultam numa mistura única de tradições, a ambição de colonizar está ligada a desejos subjacentes de poder, controle e identidade.

No caso de Portugal, a determinação de estabelecer um império marítimo foi parcialmente motivada pelo desejo de competir com outras potências europeias e de validar o orgulho nacional. Isso criou uma narrativa de superioridade que justificou relações exploradoras e permitiu que os colonizadores se distanciassem das implicações morais de suas ações.

Um sentimento de nostalgia emerge frequentemente em culturas com ricas histórias coloniais, acompanhado de uma consciência dos aspectos mais sombrios do colonialismo e da escravatura – exploração, sofrimento e perda de identidade cultural entre os povos colonizados. Os colonizadores frequentemente afirmam a sua dominação para reforçar a autoestima e a identidade nacional, em que sentimentos de saudade da percebida glória desse período podem persistir.



Disponível em:
Psicanálise em
Moçambique -
Universidad Icesi

A colonização pode infligir trauma aos colonizados, mas também aos colonizadores, um trauma que ressoa ao longo das gerações e afeta a psique coletiva. A humilhação inerente à dinâmica mestre/escravo é frequentemente reprimida nas narrativas pessoais e na memória coletiva. As vozes e experiências dos indivíduos escravizados podem ser marginalizadas nas contas históricas, o que leva à negação do sofrimento suportado e do impacto contínuo desse legado.

Essa negação da humilhação pode persistir muito depois da abolição formal da escravatura. As sociedades podem lutar para reconhecer plenamente as injustiças históricas e os seus efeitos contínuos, o que resulta numa amnésia cultural sobre as realidades da escravatura e da colonização. Mas também em movimentos compensatórios de neocolonização, sob a aparência do seu contrário, dos quais devemos estar cientes. À psicanálise, as noções de formação reativa, deslocamento, clivagem ou denegação não são estranhas.

Responsabilidade

A psicanálise existe em Portugal há pouco mais de 50 anos e foi introduzida pouco antes da revolução que pôs fim ao regime ditatorial e levou à descolonização. Os primeiros psicanalistas estavam afiliados a sociedades espanholas, com as quais mantemos intercâmbios significativos; por exemplo, o congresso ibérico é tradicionalmente realizado a cada dois anos. Ao pensarmos no projeto de fomentar a psicanálise no continente africano, a nossa história coloca-nos numa posição particular entre o desejo, a culpa e a responsabilidade. No recentemente publicado artigo do IJP "Carta de Lisboa", como autora, desenvolvo argumentos sobre paradoxos históricos que expõem o legado amargo da identidade

portuguesa, fornecendo uma visão sobre o assunto em discussão e sua relação com a psicanálise em Portugal.

O regime ditatorial implacável adotou o lema "orgulhosamente sós", mergulhando Portugal em quase meio século de obscurantismo, durante o qual a ignorância e a cegueira sustentaram a negação e a ilusão. Durante muitos anos, os aspectos mais sombrios desta história, incluindo a escravatura, foram frequentemente ignorados ou romantizados na narrativa nacional. O discurso contemporâneo reconhece cada vez mais o impacto do colonialismo sobre os colonizados e as injustiças infligidas a eles.

À semelhança do que se passa internacionalmente, há um movimento crescente em Portugal para reavaliar e discutir abertamente o seu passado colonial, incluindo os legados da escravatura. Isso envolve incorporar essas narrativas aos currículos educacionais, ao discurso público e às produções culturais, fomentando uma compreensão mais matizada da história que inclui as perspectivas dos povos anteriormente colonizados.

Artistas, escritores e cineastas exploram cada vez mais temas de identidade, legado colonial e as experiências dos afetados pela colonização e pela escravatura. Essas obras, que abordam a complexidade dessas relações, contribuem para diálogos mais amplos sobre raça, identidade e responsabilidade histórica, frequentemente fomentando uma compreensão mais profunda da "alteridade" num contexto pós-colonial.

Hoje, Portugal é lar de diversas comunidades migrantes, e um processo contínuo de integração desses grupos à narrativa nacional está em curso, movimento que não é isento de controvérsias e de tomadas de posição extremadas. Se, por um lado, assiste-se a uma cadeia de reações xenófobas e ao ressurgimento do racismo assumido, por outro, este multiculturalismo reflete uma oportunidade e um compromisso de compreender e valorizar a "alteridade" enquanto Portugal navega pelas complexidades da sua história colonial.

Várias iniciativas culturais e sociais promovem o diálogo e a compreensão entre grupos étnicos e culturais. Movimentos de base frequentemente visam destacar histórias partilhadas e encorajar a colaboração, procurando desenvolver, assim, um sentido de comunidade que transcende divisões históricas. Reconhecer a história é crucial para a cura e reconciliação.

Atualmente, na qualidade de Presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, é um privilégio e um desafio abraçar esta ideia e contribuir para a sua concretização, expressando o nosso forte apoio e afirmando o compromisso de implementar uma estratégia que promova o interesse pela psicanálise nos países africanos de língua portuguesa. Penso que, à luz deste quadro, a perspectiva e a vontade de investir na saúde mental e no bem-estar desses países são tão necessárias quanto significativas.

Entre clínica, cultura e comunidade

A Diretoria de Comunidade e Cultura da FEBRAPSI parte do reconhecimento de que psicanálise e cultura são dimensões indissociáveis. Pensar a comunidade, hoje, implica considerar não apenas os vínculos que nos constituem – as formas pelas quais nos ligamos uns aos outros, mediadas pela linguagem, pelos valores e pelos modos de organização da vida coletiva – e também as transformações históricas que atravessam o campo clínico e a experiência subjetiva.

A noção de comunidade não se reduz à ideia de pertencimento ou laço, mas remete também à ampliação do campo clínico da psicanálise. Trata-se de reconhecer que o método psicanalítico opera em diferentes contextos e dispositivos, para além do consultório, configurando o que se tem denominado de clínica extensa. Nesse deslocamento, a análise padrão – historicamente orientada pela análise didática – deixa de ser o único modelo possível, abrindo espaço para novas formas de escuta e intervenção, sustentadas por uma implicação ética com o outro.

É nesse sentido que se torna necessário inclinar-se à comunidade: sustentar iniciativas clínicas diversas, ampliar dispositivos de escuta e fortalecer práticas que respondam ao sofrimento psíquico e social em sua complexidade. A realidade contemporânea convoca novas formas de presença da psicanálise – mais porosas, abertas e implicadas no mundo – enquanto o método, nosso “divã a passeio”, assegura sua continuidade e especificidade.

Vivemos um conjunto de crises persistentes: transformações profundas no modo de trabalhar; o avanço da tecnologia sobre a vida cotidiana – das redes sociais à inteligência artificial; a crise climática; o aumento dos deslocamentos forçados; a crise da democracia e das instituições; as guerras; os questionamentos sobre gênero e família; as políticas de inclusão de populações negra e indígena; a presença da religião na tessitura da vida coletiva; e a desigualdade obscena.

Desde a pandemia, esses processos se intensificaram, ampliando perdas, instabilidades e desconfianças. Crescem os diagnósticos de depressão e ansiedade. As estruturas organizadoras da sociedade – família, gênero e ordem patriarcal – encontram-se em transformação, gerando frustrações e ódio, frequentemente capturados por projetos destrutivos.

Nesse cenário, a psicanálise tem muito a dizer. Desde seu surgimento, interroga o mal-estar na cultura e questiona as formas de organização social. Pode produzir linguagem, tecer redes de contenção e favorecer deslocamentos que contribuam para o apaziguamento das tensões. Em um mundo marcado pela deslegitimação da experiência e pelo predomínio da informação, os dispositivos clínicos tornam-se fundamentais no trabalho de recomposição dos tecidos simbólicos.

Nesse mesmo movimento, as obras culturais – como o cinema, a literatura e as artes plásticas – constituem espaços privilegiados de reflexão, iluminando-se mutuamente e revelando, em diferentes registros, as marcas do tempo histórico e dos sofrimentos que o atravessam. Falam



Luciana Saddi

Diretora de Comunidade e Cultura da FEBRAPSI – Biênio 2026-2027
Membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

das dores de seu tempo e, quando alcançam a transcendência, podem falar de todos os tempos ao mesmo tempo.

Em minha experiência com o ciclo de cinema e psicanálise, aprendi que as obras de arte estão envoltas em finas teias, quase invisíveis, que as ligam, conectam e entrelaçam – como as raízes das árvores numa floresta, que se comunicam por debaixo da terra. Podemos imaginar uma vasta rede, feita de inúmeros nós, que conectam obras, experiências, momentos históricos e sujeitos: uma trama que pode ser desfeita e refeita, transformando os sentidos que nela circulam.

Os nós dessa trama podem ser compreendidos como interpretantes: expressões que emergem da experiência clínica – seja na escuta dos pacientes, nas intervenções na comunidade ou na leitura da cultura – e que buscam dar forma a uma determinada conjuntura. Por sua capacidade de produzir novos sentidos, transformam o campo de onde emergem, passando a integrar a própria práxis psicanalítica. Assim, os interpretantes revelam a natureza inventiva e experimental da psicanálise – condição necessária para enfrentar os desafios de nosso tempo.

É nesse entrelaçamento – entre clínica, cultura e comunidade – que a psicanálise pode se sustentar. Não como um saber fechado, mas como uma prática criativa, ancorada em seu método, que se desloca, se reinventa e se implica nas formas contemporâneas de sofrimento. Ao acompanhar os movimentos do mundo, a psicanálise também se transforma, mantendo viva sua capacidade de escuta, elaboração e invenção.

Nota final: Os termos “clínica extensa”, “interpretante” e “divã a passeio” são formulações da Teoria dos Campos, aqui empregadas de forma livre.



Nico Amortegui
Pintura acrílica

Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/mx>

Clínica, cultura e política: onde se ancora a escuta psicanalítica?

Freud nos ensinou que o desamparo é uma condição fundamental do humano. Ao nascer, dependemos absolutamente do outro para sobreviver. Essa experiência inicial não desaparece com a infância: permanece como marca inconsciente e pode ser reativada em situações de crise, perda, violência, ruptura ou angústia. E é justamente dessa dependência do outro que também nascem os laços. A necessidade de proteção, cuidado e reconhecimento impulsiona os sujeitos a se agruparem, a formarem vínculos, instituições, culturas e sociedades.

Por isso, desde Freud, não há como separar radicalmente vida psíquica e vida social. Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), ele afirma que, na vida psíquica individual, o outro aparece como modelo, objeto, auxiliador e adversário; portanto, a psicologia individual é, desde o início, psicologia social. Essa formulação continua decisiva para pensarmos a psicanálise hoje. O sofrimento que escutamos na clínica não se constitui fora do mundo. Ele é atravessado pelas relações familiares, pelas normas morais, pelas formas de poder, pelas desigualdades sociais, pelos discursos de época, pelas violências da cultura e pelas ameaças à vida democrática.

A política, em seu sentido mais amplo, remete à vida na pólis, ao espaço comum no qual os sujeitos se encontram, divergem, negociam e constroem formas possíveis de convivência. A política acontece entre as pessoas, na pluralidade, na relação entre diferentes. A democracia, por sua vez, supõe que os conflitos possam ser tratados pela palavra, pelo confronto de ideias, pela escuta e pela negociação, evitando que a diferença desemboque em destruição.

A macropolítica participa da produção do sofrimento psíquico e dos modos possíveis de enfrentá-lo. As decisões tomadas no campo da macropolítica – nos âmbitos federal, estadual e municipal – incidem diretamente sobre a vida

psíquica. Políticas públicas de saúde, educação, moradia, trabalho, segurança, assistência social, cultura e meio ambiente não organizam apenas a vida material da população; produzem também efeitos subjetivos. Governos que ampliam direitos e sustentam redes de cuidado favorecem pertencimento, dignidade e elaboração. Já o desmonte de políticas públicas, a naturalização das desigualdades e a legitimação de violências intensificam experiências de desamparo, medo, humilhação e desalento.

Nesse ponto, há uma proximidade ética entre democracia e psicanálise. A clínica também se funda na possibilidade de que vozes dissonantes, desejos contraditórios, afetos recalcados e conflitos silenciados possam encontrar uma via de expressão. A associação livre, a escuta flutuante e o trabalho transferencial sustentam um espaço onde aquilo que foi calado, sintomatizado ou expulso do campo do pensamento pode ganhar palavra. A psicanálise não elimina o conflito; ela o torna escutável e pensável.

Desde o final do século XIX, Freud realizou um gesto profundamente político ao escutar as histéricas não como simuladoras ou portadoras de sintomas meramente orgânicos, mas como sujeitos de uma verdade psíquica ignorada pela ciência de sua época. Ao deslocar o centro da razão consciente e introduzir o inconsciente, a sexualidade infantil, o recalque e a transferência, Freud desestabilizou a visão positivista e biomédica dominante. A psicanálise nasceu, portanto, de uma escuta voltada ao sofrimento que não encontrava lugar nos saberes instituídos.



Maria Elizabeth Mori

Membro Associada da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)

Curadora do Observatório Psicanalítico (OP)

Em *Caminhos da terapia psicanalítica* (1919), Freud também apontou para a necessidade de ampliar o acesso ao tratamento psíquico. Reconheceu que havia no mundo uma imensa quantidade de sofrimento neurótico e que a psicanálise não poderia permanecer restrita a poucos. Imaginou, inclusive, que em algum momento o Estado deveria reconhecer como seu dever o cuidado com a saúde psíquica da população. Essa convocação freudiana permanece atual, sobretudo em países marcados por processos de colonização, como o nosso, atravessados por desigualdades sociais e de gênero, racismo estrutural, violência política e precariedade dos serviços públicos de saúde mental.

Ao longo do século XX e neste início do XXI, muitas experiências retomaram essa dimensão pública da psicanálise. Clínicas populares, atendimentos em instituições, projetos comunitários, escutas em praças, ruas, universidades, escolas, hospitais, territórios vulnerabilizados e plataformas virtuais mostram que o método psicanalítico pode se deslocar do *setting* clássico sem perder sua exigência ética. O *setting* não é uma moldura rígida e imutável; ele precisa ser pensado a partir da situação clínica, do sofrimento em jogo e das condições concretas de escuta.

No Brasil, coletivos de psicanálise nas ruas e em espaços públicos, assim como experiências de escuta ampliadas durante a pandemia do coronavírus – quando o atendimento virtual se expandiu e foram criados projetos voltados a profissionais de saúde, jovens estudantes,

mães, pais, avós, populações negras, indígenas, refugiadas ou socialmente vulnerabilizadas — têm mostrado que a clínica ampliada não é uma diluição da psicanálise. Ao contrário, pode ser uma forma de recolocar em movimento sua potência crítica e transformadora. Diante de sofrimentos produzidos também por configurações sociopolíticas, não basta compreender o sujeito apenas a partir de conflitos internos. É preciso reconhecer que traumas coletivos, exclusões históricas e formas de violência social são vividos singularmente, mas não têm origem apenas individual.

Essa ampliação, contudo, ainda encontra resistências dentro do próprio campo psicanalítico. Muitas vezes ouvimos que aquilo que se faz fora do consultório tradicional, ou aquilo que se elabora publicamente diante dos acontecimentos da cultura, “não é psicanálise”. Trata-se, a meu ver, de um falso dilema. A separação entre clínica e cultura foi criada posteriormente, por certas tradições institucionais que reduziram a psicanálise a uma prática privada, individualizada e, por vezes, aristocraticamente afastada do mundo comum. Mas os chamados textos sociais de Freud são também textos clí-

nicos, pois evidenciam um pensamento do sujeito dentro da cultura.

Nesse sentido, clínica e cultura se articulam como em uma fita de Möbius: uma passa pela outra, sem que seja possível estabelecer uma fronteira absoluta. O mal-estar da civilização comparece no corpo, nos sintomas, nas angústias, nos vínculos, nos ódios, nos modos de amar, nas formas de sofrimento e nas defesas coletivas. Racismo, misoginia, homofobia, autoritarismo, colonialidade, fundamentalismos, guerras, desigualdades e ataques à democracia não são temas externos à clínica; são modos de produção de subjetividade e de sofrimento.

É nesse horizonte que situo o Observatório Psicanalítico da FEBRAPSI, criado em 2017, como um agenciamento de atenção psicanalítica aos acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais do Brasil e do mundo. Ao propor ensaios breves, escritos por psicanalistas vinculados às sociedades da IPA,

o OP abriu um espaço de elaboração coletiva diante dos acontecimentos da vida pública que nos afetam.

No podcast Mirante, essa análise se estende no diálogo com outros campos do saber. Não se trata de transformar a psicanálise em opinião política imediata, nem de reduzir a complexidade do inconsciente a palavras de ordem. Trata-se, antes, de sustentar um tempo de pensamento onde muitas vezes imperam a urgência, a polarização, o silêncio ou a destrutividade.

O OP afirma que a psicanálise tem algo a dizer sobre o mundo porque o mundo atravessa a clínica. Sua função é a de criar condições para que os acontecimentos possam ser escutados, simbolizados e interrogados. Ao fazer circular a palavra de psicanalistas em redes, grupos de e-mail, podcasts e espaços públicos de interlocução, o Observatório amplia o campo de transmissão da psicanálise e reafirma sua responsabilidade ética diante da pólis (Mori, 2025).

Pensar clínica, cultura e política é, portanto, reconhecer que a escuta psicanalítica se ancora no sujeito, mas nunca em um sujeito isolado. Ela se ancora no laço, na palavra, na alteridade, na memória, no corpo, na história e nas instituições. Em tempos de ataques à democracia e de intensificação das violências sociais, talvez uma das tarefas da psicanálise seja justamente esta: não recuar diante do mundo, mas escutá-lo em sua dimensão traumática, conflitiva e desejante, para que algo ainda possa ser elaborado em comum.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S.** (2010) Caminhos da terapia psicanalítica. In: **FREUD, Sigmund.** *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. Trabalho publicado originalmente em 1919.
- FREUD, S.** (2011). Psicologia das massas e análise do Eu (1921). In: **FREUD, Sigmund.** *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. Trabalho publicado originalmente em 1921.
- MORI, M. E.** (2025). *O agenciamento observatório psicanalítico Febrapsi: um acontecimento na psicanálise brasileira*. 2025. 164 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2025. <http://repositorio2.unb.br/handle/10482/53697?locale=en>



Por trás da cortina
Grafite de rua do inglês Banksy
Disponível em: Obras Graffiti Banksy:

Sociedade de Psicanálise de Curitiba foi reconhecida pela IPA em 2025

Em 1968, um pequeno grupo de psiquiatras locais, interessados em psicanálise, organizou um grupo de estudos de Psiquiatria Dinâmica, com o objetivo de criar uma forma de trabalho que valorizasse essa vertente. Helio Rotenberg, com especialização realizada em São Paulo, e João Carlos Braga, com especialização nos Estados Unidos, lideraram essa iniciativa.

O grupo reuniu acadêmicos de medicina estagiários no Hospital Adauto Botelho e, posteriormente, novas gerações de profissionais interessados em aprofundar seus conhecimentos. Com o tempo, o grupo cresceu e se dividiu em duas correntes: uma que seguiu seu desenvolvimento na direção da psiquiatria e outra voltada para a psicanálise. Esta última passou a contar com a participação de três analistas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP): Narciso Coelho Neto, Iraci Petra e Sérgio Trunci. Seus integrantes iniciaram análise pessoal e ampliaram sua

aproximação com a psicanálise, criando grupos de estudo direcionados a essa formação. Rapidamente, novos profissionais, psiquiatras e psicólogos, passaram a integrar o movimento, fortalecendo o interesse e a prática da psicoterapia de orientação psicanalítica.

Como desdobramento natural, vários desses psicoterapeutas buscaram realizar sua formação psicanalítica na SBPSP e na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Em 1979, passaram a reunir-se em um grupo informal de estudos que, em 1993, foi institucionalizado como Núcleo Psicanalítico de Curitiba, filiado à então Associação Brasileira de Psicaná-

lise, atualmente Federação Brasileira de Psicanálise.

Em 2010, o grupo decidiu solicitar sua filiação à *International Psychoanalytical Association* (IPA) como Grupo de Estudos de Psicanálise de Curitiba, proposta aceita durante o Congresso de Praga, em 2013. O processo de organização foi conduzido pelos *sponsors* Claudio José Campos Filho e Miriam Catia Codorniz, culminando na constituição de uma Sociedade Provisória, reconhecida durante o Congresso da IPA realizado em Cartagena, em 2023.

A nova sociedade passou a ser acompanhada pelo Comitê de Ligação constituído por Maria Cecília P. da Silva e Zelig Libermann. Na sequência, durante o Congresso de Lisboa, em 2025, a instituição alcançou o reconhecimento como Sociedade Componente da IPA. Com essa conquista, inicia-se uma nova etapa de sua história.



Marli Claudete Braga

Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Curitiba (SBPCuritiba), membro efetivo da SBPSP e da SBPRJ



INTERNATIONAL
PSYCHOANALYTICAL
ASSOCIATION



Vista do bairro de Alfama, em Lisboa, e do Rio Tejo
Disponível em: Pexels - Lisbon by Matej Simko

RESERVE A DATA

Dias 23 e 24 de abril de 2027

Lisboa - Portugal

**Congresso de Psicanálise
de Língua Portuguesa (CPLP)**

*Da nossa língua vê-se o mundo:
a humanidade entre guerras,
algoritmos e esperança*

A Cultura Psicanalítica Brasileira da América Latina



Sérgio Nick

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)



Daniel Delouya

Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

A Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI) agrega as sociedades e grupos de estudos pertencentes à IPA, assim como os núcleos psicanalíticos brasileiros. Ela é a associação originária da nossa psicanálise e que, ainda hoje, figura entre as principais associações de psicanalistas no mundo. Ela integra estes grupos, que fazem parte da América Latina, que é representada na IPA em pé de igualdade com as demais regiões - Europa e América do Norte. Temos em vista a integração progressiva da região Ásia-Pacífico e, futuramente, o surgimento de uma quinta região, a África.

A América Latina, tendo sido uma das regiões para a qual a tocha foi passada com a eclosão da Segunda Guerra, contou com a criação de um verdadeiro grupo de refugiados da psicanálise europeia, uma vez que os precursores dessa tradição na região foram sendo agregados aos poucos, já ao final da Primeira Guerra Mundial. Uma questão que se coloca é se a psicanálise na América Latina e, especificamente, no Brasil, criou traços próprios que a distinguem e que, eventualmente, podem ascender e afetar o quadro internacional.

A psicanálise é, evidentemente, marcada pelo seu entorno, pelo solo cultural e histórico em que viceja; e, na medida em que encontrou na América Latina um terreno fértil de crescimento, também se moldou, criando áreas próprias, caminhando *pari*

passu com os eixos de inquietação de suas sociedades e de suas culturas.

Sabemos da relevância crescente que a psicanálise vem assumindo no universo social, cultural e político. No Brasil, por exemplo, a ascensão vertiginosa da preocupação, dos estudos e debates — bem como o desenvolvimento jurídico — em torno do racismo e de suas raízes coloniais destacou o país, nos últimos anos, como uma comunidade psicanalítica particularmente original na investigação clínico-teórica e também na reformulação de programas de formação, em consonância com metas de ações afirmativas daí derivadas. Esse seria, talvez, um dos aspectos mais pungentes da nossa cultura psicanalítica brasileira atual. Mas não só. Temos colegas com densos repertórios teóricos, muitas vezes originais, que os desenvolvem dentro deste particular marco cultural brasileiro.

Como representantes do Brasil no Board da IPA, temos sido incansáveis na luta por uma psicanálise menos colonialista e mais inclusiva. É interessante como estes pleitos têm, muitas vezes, encontrado abrigo dentro do Board. Damos como exemplo a formação de um grupo para discussão da implantação de uma nova região da IPA, a da África. Tivemos reuniões a este respeito durante o último congresso da FEBRAPSI em Gramado, bem como uma reunião realizada em maio. Inclusive, devemos ter uma reunião do Board em Cape Town, no próximo ano.

Um outro exemplo, derivado das dimensões continentais do Brasil, foi nosso pleito para que o desenvolvimento de novos grupos de estudos brasileiros pudesse se beneficiar do novo Código de Procedimentos da Formação Psicanalítica. Só assim, poderemos atender ao chamado da Gleda Brandão Araújo de ampliar nossas fronteiras para as regiões do Brasil que não têm grupos nossos. Ele está em consonância com a proposta da nova administração da IPA - Heribert Blass e Katy Bogliatto, que traz o lema “Presença hoje para estar presente amanhã”. Diante do mundo complexo em que vivemos hoje, com suas mudanças paradoxais, eles propõem uma abordagem dupla: uma perspectiva voltada para a estrutura da IPA e outra para a sociedade.

Dentro desta perspectiva, gostaríamos ainda de destacar que o próximo Congresso da IPA será realizado em Vancouver, Canadá, de 25 a 29 de julho de 2027, com o tema: “A Condição Humana no Mundo Digital”. A coordenadora do programa do Congresso é Virginia Ungar.

Gostaríamos de convocar a todos para enviar suas propostas, usando o link <https://www.cvent.com/c/abstracts/21b6ca97-c60c-4697-902b-c3a54dd2efb3>.

Nos vemos em breve!

*Daniel Delouya e Sérgio Nick
Representantes da América Latina
no Board da IPA*

A crise climática como questão para os psicanalistas



Carlos Pires Leal

Docente e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)



Maria Luiza Gastal

Membro associada da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)

Cocoordenadores da Comissão Psicanálise, Clima e Vida da FEBRAPSI

É uma satisfação participarmos desta primeira edição do *FEBRAPSI Notícias*, sob a presidência da colega Gleda Brandão Araújo e editoria de Cláudia Antonelli. Na edição anterior (nº 70), noticiamos a criação da Comissão Psicanálise, Clima e Vida (CPCV) em dezembro do ano passado. Trazemos agora informações sobre o desenvolvimento do trabalho da Comissão, em que direções estamos caminhando e, em especial, como temos acompanhado o interesse dos nossos colegas pelas questões ambientais e da crise climática.

Integram a Comissão colegas de 14 federadas de mais de 10 estados brasileiros, o que traduz o interesse crescente dos colegas por este tema. Aos poucos, ela vem se tornando um foco de interesse para os psicanalistas e para a própria Psicanálise.

No dia 25 de abril, realizamos o evento "Psicanálise, Clima e Vida" com duas mesas redondas: "Por que uma comissão de clima?" e "O Clima na Clínica". A iniciativa, cujo propósito foi apresentar a CPCV para os colegas da FEBRAPSI, mobilizou dezenas de colegas de diversas federadas.

A tragédia ambiental coloca na ordem do dia da cultura a permanência da vida humana no Planeta. Seus impactos cruzaram o umbral dos nossos consultórios e já repercutem na nossa clínica. O Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), criado em

2011 após a tragédia ambiental na região serrana do Rio, informa que praticamente todas as cidades das nossas federadas possuem áreas sob monitoramento e risco de emergência ambiental. Que desafios a crise climática e as questões ambientais trazem para a nossa prática clínica?

A Psicanálise, para surpresa de muitos psicanalistas, tem um longo caminho de reflexões e produções a respeito da relação dos seres humanos com o ambiente. Desde os anos 60 do século passado, nosso colega norte-americano Harold Searles indicou que uma porosidade do psiquismo em relação ao ambiente não humano é essencial para a criatividade e para o acesso a estados primitivos da experiência humana. Quando ela é excessivamente intensa causa ansiedade aguda, por gerar uma regressão onto e filogenética, como ocorre com os esquizofrênicos.

FEBRA  PSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

FEBRAPSI Notícias: há trinta anos divulgando a psicanálise



Universal mind

Ilustração digital de Andrew Krasovitchii

Disponível em: Ibrapsi.com.br - Psicanálise: o pensamento de Freud

A Natureza é considerada por diversos autores como um objeto psíquico – além de a integrar –, ganhando representação como parte do que Klein chamou de mundo representacional. Nesse sentido, o mundo natural é considerado como um objeto psíquico primário, ao lado dos objetos parentais. Observamos, no entanto, que persiste, entre boa parte dos psicanalistas, uma tendência de tratar imagens e fantasias ambientais como mera metáfora e não como ponto de urgência em determinadas situações analíticas.

A catástrofe climática que ocorreu no Rio Grande do Sul em 2024 mobilizou dezenas de psicanalistas para atendimentos tanto nos consultórios como nos cenários do evento. A experiência gerou uma produção teórico-clínica extensa, rica e original.

Entre seus desafios podemos citar, entre outros: as modificações técnicas para as intervenções em *settings* externos aos ambientes dos nossos consultórios; a contingência de, como analistas, podermos

estar imersos nos mesmos cenários atingidos pelas tragédias climáticas; formas diversas do manejo da dinâmica transferencial-contratransferencial.

Desafios de ordem teórico-clínicos surgem a partir da incidência do ambiente externo e do mundo inanimado sobre o psiquismo e a subjetividade. A cisão freudiana entre Natureza e Cultura – que nos coloca fora do mundo – é um dos eixos que vem merecendo a atenção dos psicanalistas. Searles destacou a relevância do mundo não humano na formação do psiquismo primitivo valendo-se da sua rica experiência com o tratamento da esquizofrenia.

Teremos que lidar nos próximos anos com crises ambientais graves. Elas deixaram de ser uma “ameaça futura” para se tornarem experiências cotidianas disruptivas. Os eventos climáticos extremos

(ondas de calor históricas, secas prolongadas e inundações severas) continuam sendo o risco ambiental mais agudo no curto prazo. O impacto combinado do aquecimento progressivo e da degradação do solo já afeta diretamente a produtividade agrícola global.

Preservar a capacidade de pensar (e sentir) sob o fogo, como nos ensinou Bion, sustentar a disposição à hospitalidade, apostar que as nossas instituições psicanalíticas não se entorpecerão, preservando a sensibilidade para o que está além de seus muros, é uma aposta da Comissão de Psicanálise, Clima e Vida. Seu nome de batismo, ao entrelaçar a psicanálise, o clima e a vida, é uma declaração contundente das nossas intenções.

O uso predatório do meio ambiente do qual fazemos parte, que exaurimos sem culpa, sem medo e sem dívida, é incompatível com a vida. Cremos que à Psicanálise e aos psicanalistas cabe, por vocação e aliança com a vida, uma tarefa teórica e clínica singular: sustentar a escuta do sofrimento humano e tornar visíveis os complexos mecanismos de defesa pelos quais a humanidade, ao esquivar-se de reconhecer sua própria responsabilidade e sua vulnerabilidade, se aproxima de sua autodestruição.

Associação Brasileira de Candidatos (ABC) Psicanalistas em Formação

*“Nós somos o começo, o meio e o começo.
Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia.”*

Mestre Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)
poema para o povo da Maré, 2018

Começo, meio, começo. Sonhada por um grupo de analistas em formação décadas atrás, a Associação Brasileira de Candidatos (ABC) é hoje uma instituição com quase 40 anos de história. À distância, esses anos podem se confundir com a mera passagem do tempo, mas basta observar mais de perto para que se revele que nessa tecelagem opera a mais humana das tarefas: a narração. Não a narrativa – produto da lógica linear ocidental que tem começo, meio e fim – mas a narração enquanto um ato vivo, coletivo, que não se conclui. Aquilo que fazemos juntos enquanto a vida acontece, e que carrega a memória de quem veio antes sem ser por ela definido. A ABC é isso: uma narração em curso.

Marcada em seu âmago pela transitoriedade, essa instituição se constitui como um lugar de atravessamento e de permanência, um espaço de trânsito e circulação entre pessoas de diferentes institutos e regiões. O que a ABC tem a oferecer ao analista em formação não é somente representação formal, é, principalmente, um espaço de autonomia e autodeterminação. Por meio do contato com pares de lugares e trajetórias distintas, seja por meio dos encontros regionais mistos ou seminários do programa de intercâmbios, temos acesso a uma pluralidade de experiências e pensamentos que nossos institutos de formação, por sua própria natureza, não conseguem abarcar sozinhos. Assim, do contato entre colegas que raramente se cruzariam de outra forma, saímos expandidos em nossas referências teóricas, clínicas e institucionais.



Larissa Albertino e Cristiane Takata

É nesse campo – o da troca horizontal, da escuta que não supervisiona, mas acompanha – que a ABC encontra sua vocação mais própria. E é nele que situamos nossa proposta para os encontros Regionais Mistos da ABC 2026–2027: “Tempos da Clínica”. Para esse ciclo, mais do que discutir conceitos, propomos a troca reflexiva sobre os deslocamentos, as dúvidas e transformações que se produzem no espaço de nosso

ofício. Desde o primeiro encontro com um paciente até os momentos de maior densidade da análise, nos esgotamentos, rupturas, reencontros, essas experiências criam diferentes temporalidades.

Dessas temporalidades, trabalharemos cinco: o **tempo inaugural**, em que ainda não sabemos o que está começando; o **tempo de instalação**, em que algo começa a tomar forma sem que possamos nomear exatamente qual; o **tempo estagnado**, que nos testa com sua repetição; o **tempo de risco**, que nos convoca inteiros; e o **tempo de adeus**, que exige trabalho em pelo menos três temporalidades simultâneas – a do analisando, a do analista e a da dupla. Não uma progressão, mas cinco constelações de experiências, cada uma com seus desafios técnicos e éticos próprios. Nenhum desses tempos se esgota – e é isso que faz da clínica uma narração sem ponto final. Como nossa formação, que não termina quando cumprimos todos os créditos e entregamos os trabalhos, mas que continua – de outro lugar. Começo. Meio. Começo.

Há 36 anos, Eustachio Portella Nunes escreveu, para o Fórum Permanente da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ): “*Creio que qualquer sociedade se engrandece não apenas porque aumenta o número de seus membros, mas quando não renuncia a ser um sonho. Isso significa poder continuar o processo de criatividade livre que torna possível a discussão, sem que nenhuma pessoa ou grupo pretenda ser o dono da verdade*”. Acreditamos que o mesmo vale para a ABC. E é nisso que nossa gestão aposta: nas construções coletivas que erguemos e que serão encontradas por quem ainda está por vir – por aqueles que serão o futuro do passado que nos tornaremos.

Que a ABC nunca renuncie a ser um sonho.

Larissa Albertino (SBPRJ)
Presidente

Cristiane Takata (SBPSP)
Vice-presidente



LITERATURA E PSICANÁLISE

Tropismo do Rancor

Era um homem comum, desses que a cidade fabrica aos montes e apaga com o mesmo descuido. Ainda assim, havia nele algo de mineral, de irreduzível. Não me procurou por conselho, redenção ou mesmo escuta – mas por algo mais antigo, mais próximo do instinto: a necessidade de ser reconhecido naquilo que se tornou.

Disse-me, ao sentar-se diante de mim com uma solenidade sem pompa: “Há muitos tropismos na vida, senhor. Alguns seguem a luz, outros a fome, outros ainda o desejo. O meu é o rancor.”

Não disse mais nada por um tempo. Apenas me olhou com olhos opacos, como

se esperasse que eu compreendesse, como se não fosse necessário justificar o absurdo. Continuei em silêncio, como se estivesse diante de um enigma e não de um homem.

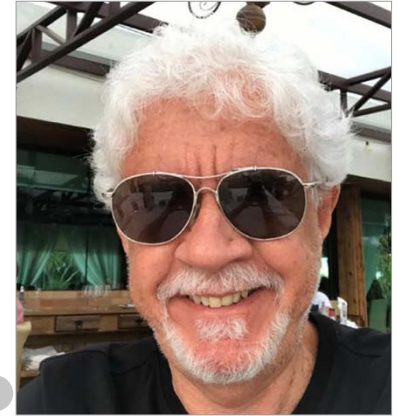
Depois de um suspiro leve – ou um suspiro que apenas imaginei –, explicou-se. “Desde criança, houve em mim um impulso para guardar. Não memórias, que são frágeis, mas injúrias. As pequenas desfeitas, os olhares desviados, os favores negados – eu os catalogava em silêncio. Não com indignação, mas com método. O rancor é uma espécie de fé: exige vigilância constante e uma atenção minuciosa ao detalhe.”



Anabella

Isabella Marinho

Acrílica, carvão e colagem de fragmentos de tela sobre tela
Disponível em: Isabella Marinho – Artista Plástica Contemporânea



Avelino F M Neto

Analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb),

Membro titular e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia (SBPG)

Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Contou que, ao longo dos anos, transformara essa disposição em ofício. Evitava o perdão como se evita uma doença. Alimentava sua raiva com parcimônia, como quem cuida de um fogo secreto. “Há pessoas que vivem para amar. Eu vivi para não esquecer.”

Naquela tarde, porém, havia vindo a mim por um motivo específico: temia estar perdendo o rigor. “Sonhei, ontem, que perdoava meu irmão. No sonho, ele me abraçava. Acordei em pânico. Não pelo abraço – mas porque por um instante, eu havia esquecido por que o odiava.”

Senti, por um momento, pena dele – ou de mim, por ouvi-lo.

“Preciso que me ajude a lembrar. A lembrar com nitidez. A memória se dilui, a dor se atenua, o mundo conspira contra o ódio puro. Mas eu sei que há uma verdade que me funda, e essa verdade é o que sofri.”

Tentei dizer que a mente humana não é feita para guardar certezas intactas. Que o esquecimento é um dom, um modo de salvar-se do peso do mundo. Ele riu. Não de mim – mas de todos nós.

“Você não entende. Há pessoas cuja identidade é o que amaram. A minha é o que jamais pude amar.”

Desapareceu sem aviso algumas semanas depois. Não voltou mais. Mas por vezes, ao caminhar entre os corredores da biblioteca onde agora trabalho, encontro volumes anotados com sua caligrafia: sublinhados em trechos de Heráclito, de Schopenhauer, de Dante. Todos giram em torno de uma só ideia: a eternidade do ressentimento como forma de conhecimento.

Talvez ele tenha se tornado uma espécie de eremita urbano. Ou talvez nunca tenha existido, e eu tenha sido apenas a voz através da qual ele sonhou com sua própria persistência. Há muitos tropismos na vida. O dele, penso hoje, era um esforço desesperado para permanecer – nem que fosse na forma mais dura da lembrança.

BIOGRAFIA

Donald Winnicott

“É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação”. Assim falou Donald Woods Winnicott em *O Brincar & a Realidade* (1975, p.79), onde dedica dois capítulos intitulados “O Brincar: Uma exposição teórica” e “O Brincar: A atividade criativa e a Busca do Eu (*Self*)”. O brincar é uma das ideias centrais de sua teoria sobre o desenvolvimento emocional e a experiência humana. Não é apenas uma atividade infantil, no sentido comum, mas um estado psíquico especial, no qual a pessoa está viva, espontânea e criativa. Brincar é, portanto, um espaço intermediário e potencial entre o mundo interno (fantasias, desejos, emoções) e o externo (realidade, objetos), cuja existência depende das experiências primitivas de cada um. Nesse espaço podemos experimentar, imaginar, criar e dar sentido à realidade sem estarmos totalmente presos nem à fantasia pura nem às exigências rígidas do mundo real. Desfrutar dessa liberdade de criação é ser espontâneo, autêntico, criativo, ter uma vida com sentido pessoal.

Winnicott (Plymouth, 1896 – Londres, 1971) foi um dos mais influentes pediatras e psicanalistas do século XX, tendo ocupado por duas vezes o cargo de presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise. Estudou medicina na Universidade de Cambridge, especializando-se em pediatria. Foi analisado por James Strachey (1923), completando sua formação como psicanalista em 1935. De 1935 até 1941 fez supervisão de análise de crianças com Melanie Klein e mais uma análise pessoal com Joan Riviere.

Filho de Elizabeth Martha Woods e de John Frederick Winnicott – ambos metodistas –, o psicanalista cresceu em família de classe média alta e tinha duas irmãs mais velhas, Cathleen e Violet. Viveu cercado por essas mulheres, além de tias e babás – uma criação por múltiplas mães. A família era próspera, mas Winnicott tinha uma mãe depressiva que o fez enfrentar muitos desafios emocionais, vivenciando um ambiente que muito o influenciou no interesse pelas relações precoces mãe-bebê. Seu pai era um influente comerciante e foi duas vezes prefeito de Plymouth, muito ocupado com

os negócios e pouco presente na vida dos filhos. Além de sofrer com o fato de sua mãe ser depressiva, Winnicott também teve que deixar o ambiente familiar aos 14 anos de idade, quando foi para o internato. Ele se definiu como um adolescente perturbado, observando que sempre reagia e tentava suavizar os sombrios humores de sua mãe.

Durante a Primeira Guerra Mundial, serviu como médico na Marinha Britânica. Já na Segunda Guerra Mundial, trabalhou com crianças separadas de suas famílias, o que aprofundou seu interesse pelas consequências da privação materna e da ruptura de vínculos afetivos. Foi também membro da UNESCO e do grupo de especialistas da OMS, além de professor no Instituto de Educação e na *London School of Economics*, da Universidade de Londres.

Casou-se duas vezes e não teve filhos. Seu primeiro casamento foi com a artista plástica Alice Buston, que sofria de depressão e outras sérias perturbações psiquiátricas, incluindo surtos psicóticos, e que foi por ele encaminhada para tratamento. Teve uma vida tensa e conflituosa com Alice e dela se divorciou. Após dois anos, casou-se com sua segunda esposa, Claire Winnicott, assistente social que se tornou psicanalista e desempenhou papel importante na difusão de sua obra – fundamental para a psicanálise contemporânea.

Associado à chamada escola das relações objetais e do desenvolvimento psicológico, participou, na Sociedade Britânica de Psicanálise, do chamado *Middle Group*, marcado pelo não alinhamento aos grupos liderados por Anna Freud e Melanie Klein, que representavam, respectivamente, as escolas vienense e inglesa. Winnicott defendia uma abordagem independente e reformadora da psicanálise, reconhecendo a obra de Freud, mas entendendo que ela podia sofrer intervenções, abordagem que foi fundamental para a formação do pensamento psicanalítico independente, com avaliação e respeito às novas ideias e ao diálogo.

Winnicott morreu aos 75 anos em Londres – onde foi cremado –, em decorrência de doença coronariana que o fez sofrer uma



Helena Daltro Pontual

Membro associada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)
Editora do FEBRAPSI Notícias

série de ataques cardíacos. As manifestações da doença já haviam ocorrido em momentos de estresse, após a morte de seu pai e a separação de sua primeira mulher. Morreu pouco antes da publicação de sua obra *O Brincar e a Realidade*, em 1971.

Na tarefa de cuidar de sua mãe – e dele próprio –, Winnicott fez um poema que encaminhou ao seu cunhado James Britton, dizendo o seguinte: “Você se incomodaria em dar uma olhada nisso, que me dói ao sair de mim? Acho que há alguns espinhos que espetam de uma maneira ou de outra. Isso nunca aconteceu antes e espero que não aconteça mais”.

“[...] embaixo, mãe chora, chora, chora assim a conheci antigamente, deitado no seu colo, como agora, na árvore morta aprendi a fazê-la sorrir a estancar suas lágrimas a amenizar sua culpa a curar sua morte interior torná-la viva era minha vida [...]”

Alguns dos principais conceitos de Donald Winnicott:

1. Mãe suficientemente boa (*good enough mother*). A mãe (cuidador/a) não é perfeita, mas deve proporcionar um ambiente suficientemente seguro e acolhedor ao bebê, cuidado que envolve tanto aspectos físicos quanto emocionais para a construção do *self* e o desenvolvimento da autonomia da criança. O desenvolvimento saudável ocorre quando a mãe responde adequadamente às necessidades do bebê. Falhas e frustrações são inevitáveis, mas, quando ocorrem de maneira gradual e suportável, contribuem para que o bebê desenvolva a capacidade de lidar com a realidade.

2. Holding (sustentação). Do verbo *to hold*, que significa sustentar, conter, dar suporte. Refere-se ao cuidado físico e emocional oferecido ao bebê. Inclui proteção, previsibilidade e segurança. O *holding* adequado permite o desenvolvimento do *self*. No caso específico da mãe (ou quem cuida do bebê) e da criança é o ato de a primeira segurar a criança no colo, entender suas necessidades específicas e atendê-las de modo adequado, utilizando para isso sua empatia.

3. Handling: É o manejo, manuseio ou manipulação do bebê para suas funções e necessidades, dando-lhe a noção do tato e de seu eu corporal. Os efeitos do *handling* são a instalação da psique no soma,

a personalização, ou, ainda, a inter-relação psicossomática. Por meio do *handling* serão estabelecidos os níveis de sentimentos que o sujeito tem de sua pessoa no seu corpo. Assim, será constituída sua realidade psíquica, interna ou pessoal, à medida que se estabelecerão um interior e um exterior, sendo a pele a membrana de fronteira.

4. Objeto transicional A criança utiliza um objeto (cobertor, brinquedo) para transitar entre a dependência absoluta e a independência. Primeiro “não-eu” possuído pelo bebê, que serve como ponte entre o mundo interno e externo e ajuda na separação da mãe.

5. Espaço potencial. Zona intermediária entre fantasia e realidade, mundo interno e

externo (realidade). Constituído a partir da relação inicial entre mãe e bebê, dando as condições para que o sujeito possa articular e transitar entre as dimensões interna e externa. É onde ocorre o brincar, a criatividade e a cultura, onde emergem experiências culturais e expressões simbólicas (arte, religião, imaginação).

6. Verdadeiro e falso self.

Verdadeiro Self: Espontâneo, autêntico, criativo, surge a partir de um ambiente suficientemente bom, proporcionando condições para que a criança desenvolva sua espontaneidade e autenticidade em suas interações e expressões.

Falso self: Adaptativo, desenvolvido para atender expectativas externas. Surge quando o ambiente falha com o bebê e se constitui como defesa frente às inadequações desse ambiente. Nesse cenário, o sujeito se adapta de forma exagerada às demandas externas.

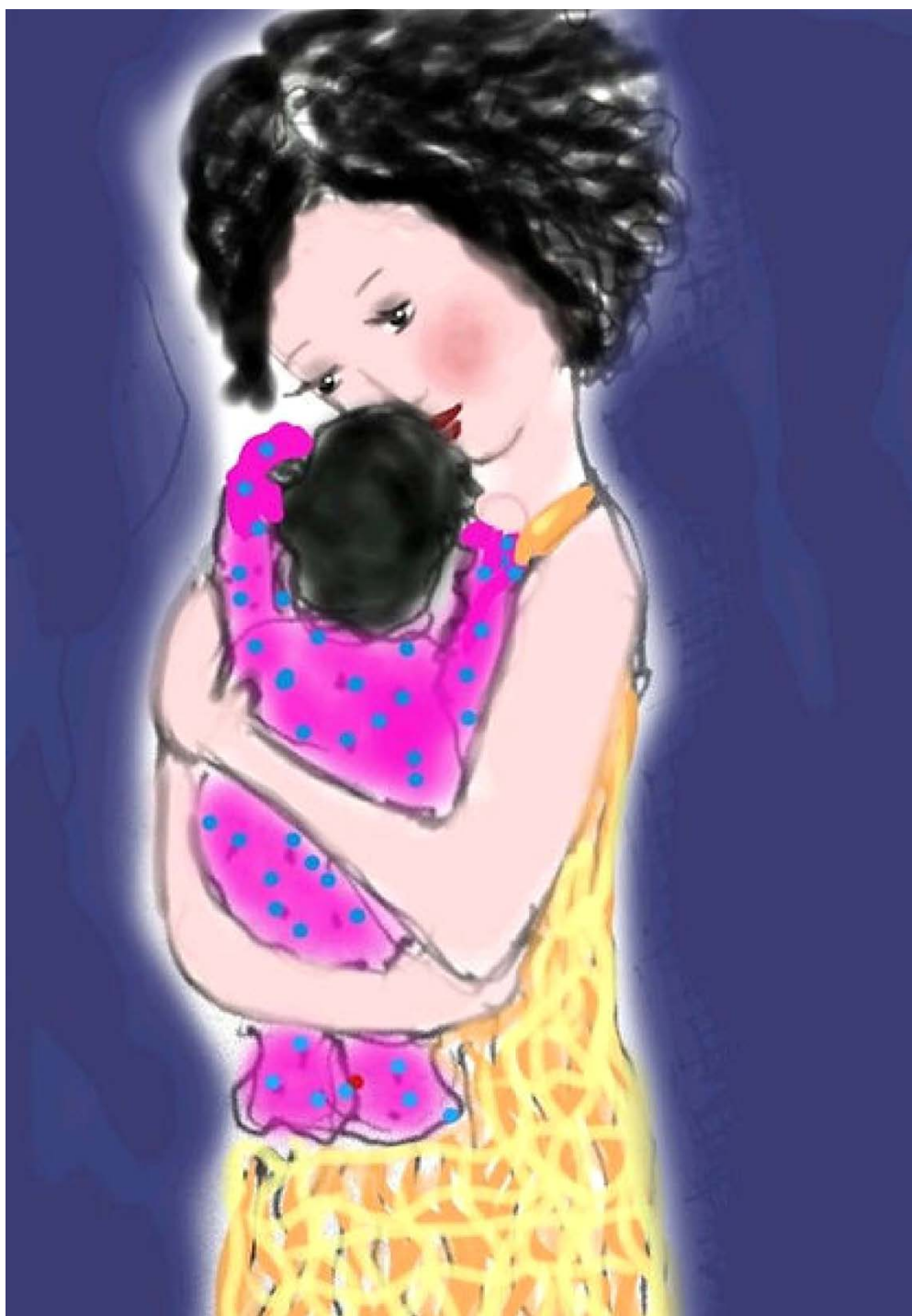
7. Dependência absoluta → relativa → independência. Desenvolvimento emocional ocorre em estágios: Dependência absoluta: bebê totalmente dependente da mãe. Dependência relativa: começa a perceber a separação. Independência: autonomia crescente.

8. Capacidade de estar só. Paradoxalmente, desenvolvida na presença confiável do outro. Indica maturidade emocional.

9. Uso do objeto. O bebê inicialmente “cria” o objeto (mãe) subjetivamente. Com o tempo, reconhece o objeto como externo e independente. Implica aceitar a alteridade.

10. Brincar como base da experiência humana. O brincar é essencial para o desenvolvimento. Permite integração psíquica, expressão emocional e criatividade. A psicoterapia ocorre no espaço do brincar entre paciente e analista.

11. Privação e tendência antissocial. Comportamentos antissociais podem ser sinais de esperança. Indicam que algo essencial foi perdido (ex: cuidado materno, laços afetivos). A criança busca restaurar um ambiente confiável.



Mãe e Bebê

Desenho Digital de Mirian Malzyner
Disponível em: Mirian Malzyner - artista

REFERÊNCIAS

- MELLO FILHO, J. O ser e o viver – uma visão da obra de Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- MOZER S, M. Biografia de D. W. Winnicott, 17/05/2023. In: <https://pt.scribd.com>
- NEWMAN, A. As ideias de D. W. Winnicott – Um Guia. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- PRADO, C, G – Donald Winnicott – Curso e redação Casa do Saber. Disponível em: <https://www.casadosaber.com.br/autores/donald-winnicott>
- WINNICOTT, D. W. *A Experiência mãe-bebê de mutualidade*. In: WINNICOTT, C; SHEPHERD, R; DAVIS, M. (Org). *Explorações psicanalíticas – D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- WINNICOTT. In: Winnicott – Seminários Paulistas. OUTEIRAL, J; HISADA, S; GABRIADES, R. (Org). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, 1.ed.
- _____. *The Maturational processes and the facilitating environment*. London: Karnac, 2005b, 4. ed.
- _____. *O Brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- WONDRACK K. H. K. *Winnicott e suas raízes religiosas: Uma escavação biográfico-teórica*. In: *Raízes Religiosas de Winnicott* | PDF | *Psicanálise* | Graça no cristianismo, 21/02/2024.

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES - 2026

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Gleda Brandão C. M. Araújo
Secretário Geral: Fabio Firmino Lopes
Tesoureiro: Mário Tregnago Barcellos
Diretora do Conselho de Coordenação Científica: Rosa Maria Carvalho Reis
Diretora do Conselho Profissional: Maria Arleide da Silva
Diretora de Publicações e Divulgação: Cláudia Cristina Antonelli
Diretora de Comunidade e Cultura: Luciana Saddi
Diretora Superintendente: Adriana Lasalvia
Secretária do Cons. de Coord. Científica: Anette Blaya Luz

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo Financeiro: Lúcia Boggiss
Analista de Comunicação: Taís Maia

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editora: Berta Hoffmann Azevedo
Editora Associada: Claudia Amaral Mello Suannes

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretora: Rosa Maria Carvalho Reis
Secretária do Cons. de Coordenação Científica: Anette Blaya Luz
SBPSP: Raya Angel Zonana
SPRJ: Bianca Bergamo Savietto
SBPRJ: Mariana Neustein
SPPA: César Luís de Souza Brito
SPRPE: Alírio Torres Dantas Junior
SPBsb: Nize Nascimento
SBPdePA: Luciana Saraiva Schmal
SPPel: Eduardo Brod Méndez
SBPRP: Beatriz Troncon Busatto
SPMS: Joelma Dibo Victoriano
SBPMG: Tânia Oliveira de Almeida Grassano
SPFOR: Marúcia Luna Neri Benevides
SBPCamp: Ronis Magdaleno Júnior
SBPG: Carla Barbosa de Andrade Jayme
SBPCuritiba: Marina Vidal Stabile
GEP Rio Preto e Região: Josefa Maria Dias da Silva Fernandes
GEP-SC: Anne Maria Pflüger
GEP-Marília e Região: Cacilda Grama Pompilio Vilas Boas
Grupo de Uberaba: Lídia Queiroz Silva Magnino

DELEGADOS

Magda Guimarães Khouri, Rodrigo Lage Leite, Marisa Helena Leite Monteiro, Débora Regina Unikowski, Marcela Ouro Preto Santos, Maria Noel Brena Sertã, Regina Pereira Klarman, Iara Lurdes Lucchese Wiehe, Dinora Borges Rodrigues Maricevich, Alírio Torres Dantas Júnior, Ana Velia de Sánchez Osella, Cláudia Aparecida Carneiro, Patricia Rivoire Menelli Goldfeld, Katya de Azevedo Araújo, Beatriz Hax Sander, Christine Marques Castro Vinhas, Adriana Vilela Jacob Francisco, José Cesário Francisco Jr, Leila Tannous Guimarães, Paula Francisca Andrade Mittelstaedt, Ana Carolina Ramon Tiuso, Patrícia Gomes Figueira, Karina Rodrigues Bernardes, Regina Célia Cardoso Esteves, Adriana Maria Nagalli de Oliveira, Nelson José Nazaré Rocha, Jane do Carmo Moura Fabian, Maristela Nunes Pinheiro, Solange Luiz Caldas dos Santos, Marina Vidal Stabile, Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini, Elaine Tilelli Abbes, Patrícia Lima de Oliveira, Gládis Elaine Carnielto Garcia, Cibele Maria Moraes di Battista Brandão, Cassia Teixeira Assef, Luís de Paiva Silva, Denise Léa Moratelli

PRESIDENTES DAS FEDERADAS

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)
Magda Guimarães Khouri
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)
Marisa Helena Leite Monteiro
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)
Marcela Ouro Preto Santos / Maria Noel Brena Sertã
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)
Regina Pereira Klarman
Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE)
Dinora Borges Rodrigues Maricevich
Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)
Ana Velia de Sánchez Osella

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)
Patricia Rivoire Menelli Goldfeld
Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)
Beatriz Hax Sander
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)
Adriana Vilela Jacob Francisco
Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS)
Leila Tannous Guimaraes
Soc. Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG)
Ana Carolina Ramon Tiuso
Soc. Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)
Karina Rodrigues Bernardes
Soc. Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp)
Adriana Maria Nagalli de Oliveira
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia (SBPG)
Jane do Carmo Moura Fabian
Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC)
Solange Luiz Caldas dos Santos
Grupo de Estudos de Psicanálise de S. J. do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto e Região)
Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina (GEP-SC)
Patrícia Lima de Oliveira
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Marília e Região (GEP Marília e Região)
Cibele Maria Moraes di Battista Brandão
Grupo Psicanalítico de Uberaba (GPU)
Luís de Paiva Silva

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo Psicanalítico de Maceió
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo de Psicanálise de Uberlândia

PUBLICAÇÕES

Revista Brasileira de Psicanálise – <http://rbp.org.br/>
Jornal Febrapsi Notícias – <https://febrapsi.org/febrapsi-noticias/>
Observatório Psicanalítico – <https://febrapsi.org/publicacoes/jornal-do-observatorio-psicanalitico/>
Mirante – O Podcast da Febrapsi – https://febrapsi.org/project_category/mirante/
Podcast Associação Livre - Febrapsi – <https://open.spotify.com/show/5y5g9scGWN1B2eZMFmbp2a>
Boletim das Federadas – <https://febrapsi.org/boletim-das-federadas/>
Vídeos de encontros e palestras sobre psicanálise – https://www.youtube.com/channel/UCmUs0eVqnlUYPjUYxCP_Aw

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO DA FEBRAPSÍ

DIRETORA: CLÁUDIA ANTONELLI (SBPCAMP)
EDITORA EXECUTIVA DO FEBRAPSÍ NOTÍCIAS: Cláudia Antonelli (SBPCamp)
EDITORA DO FEBRAPSÍ NOTÍCIAS: Helena Daltro Pontual (SBPSP)
COMISSÃO EDITORIAL: Cláudia Antonelli (SBPCamp),
Helena Daltro Pontual (SBPSP)

JORNALISTA RESPONSÁVEL:
Helena Daltro Pontual (RP 866/1982)

CAPA: *Sertão agreste e cultura*
J. Borges
Disponível em: Folha de Pernambuco
– Sertão de Pernambuco
DIAGRAMAÇÃO: Licurgo S. Botelho

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (FEBRAPSÍ)
Av. N. Sra. de Copacabana, 540, sala 704 – RJ – CEP: 22020-001
Tel: (21) 97168-0280 | e-mail: contato@febrapsi.org

www.febrapsi.org

Edição distribuída em formato digital e impressa

Acesse as redes sociais da Febrapsi | Facebook | Youtube | X | Instagram